


**Intelectuais em Diálogo: sociedade e pandemia**

**Thamyris Rodrigues Muniz**

Bacharelanda em Biblioteconomia

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

 <http://orcid.org/0000-0002-0185-6121>

E-mail: thamyrismuniz4@gmail.com

**Gustavo Tanus**

Doutorando em Literatura Comparada

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

 <http://orcid.org/0000-0002-5696-7187>

E-mail: gustavotcs@gmail.com

Submetido em: 08-04-2021

Reapresentado em: 21-06-2021

Aceito em: 23-06-2021

**RESUMO**

Recensão da obra *Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia*, de Angela Davis e Naomi Klein (2020).

**Palavras-chave:** feminismo; movimentos sociais; capitalismo; racismo; pandemia.

**Intellectuals in Dialogue: society and the pandemic**

**ABSTRACT**

Review of the book *Building movements: a conversation in times of pandemic*, by Angela Davis e Naomi Klein (2020).

**Keywords:** feminism; social movements; capitalism; racism; pandemic.

## 1 INTRODUÇÃO

Se tomarmos como interesse das Ciências Sociais o estudo dos fenômenos sociais, e localizando a Biblioteconomia dentro dessas ciências, como um campo científico preocupado com as necessidades de informação de uma sociedade que é plural, e com as formas e as práticas de representação do conhecimento, tanto os relacionados, mais atualmente, às mudanças tecnológicas, quanto às consequências sociopolíticas de tais modificações e os rearranjos de modelos e sistemas, acreditamos que a observação do projeto do livro resenhado e sua leitura sejam importantes para estudantes de Biblioteconomia e bibliotecários/as.

Assim, por sua forma, o projeto advém da edição de um encontro *online* entre importantes intelectuais, as autoras Angela Davis e Naomi Klein<sup>1</sup>, numa conversa mediada por Thenjiwe McHarris (Blackbird), que contou com a participação das também ativistas Cindy Wiesner (Grassroots Global Justice), Maurice Mitchell (Working Families Party) e Loan Tran (Southern Vision Alliance), que trabalham, há anos, em movimentos sociais em prol de justiça social/racial e direitos humanos. Editar essa conversa, sobre problemas sociais, fundante das desigualdades, que foram agravados por conta da pandemia da COVID-19, sob o título **Construindo movimentos...**, relaciona-se ao diálogo e à movimentação entre essas intelectuais rumo à construção de reflexão e ações para a modificação das nossas questões sociais contemporâneas, em um convite realizado para que o leitor e a leitora possam se mobilizar para outros encontros, em novas pesquisas na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Organizado pela Rising Majority, instituição que se define como “coalizão que busca desenvolver uma estratégia coletiva e uma prática compartilhada que envolve trabalho, juventude, abolição, direitos dos imigrantes, mudança climática, feminismo,

---

<sup>1</sup> Angela Davis é filósofa, professora, escritora e ativista estadunidense, em cuja obra se coloca a refletir sobre o racismo, defendendo os direitos da população negra e das mulheres. Atualmente discute as políticas que resultam no encarceramento da população negra estadunidense. Naomi Klein é jornalista, escritora e ativista canadense cujos pensamento e ação relacionam-se às questões contemporâneas, como globalização, a política vigente e seus efeitos no aumento das desigualdades, na relação de trabalho etc.

movimentos antiguerra/anti-imperialistas e por justiça econômica” (DAVIS; KLEIN, 2020, p. 6-7) – estes que são temas socialmente relevantes e cada vez mais estudados dentro das Ciências Sociais – o encontro se deu no início da pandemia, em abril de 2020, cuja conversa tratou do capitalismo, da desigualdade, do autoritarismo, em suas formas de exclusão, das quais o racismo é alicerce, e como interferem na promoção da saúde, na conservação da vida, portanto, na resposta contra a Pandemia.

O livro integra a coleção “Pandemia capital”, da Editora Boitempo, com projeto gráfico das capas desenvolvido pelos artistas Flávia Bomfim e Maguma (conferir Figura 1, no final da resenha). Ela é composta por livros editados em pequenos *E-books*, em ensaios de outros intelectuais<sup>2</sup> que também trataram da intensa crise social provocada pela COVID-19, relacionando à conjuntura política social do mundo, antes e após pandemia, no desejo de que possamos aprender a pensar coletivamente. Os textos dessa coleção, incluído o livro que é objeto desta resenha, são uma resposta em tempo para as questões que foram amplificadas, modificadas pela atual crise, e que possui implicações, não apenas na economia, como algumas pessoas têm imaginado, mas nas relações humanas, na Psicologia, na Educação, implicações políticas que reorientarão (como um desejo) um novo campo de ação e reflexão.

Em **Construindo movimentos...** as discussões se relacionaram aos temas considerados essenciais sobre como a pandemia da COVID-19 atinge, em especial, as populações mais pobres, os negros e as mulheres ao redor do mundo, mesmo nos países mais ricos, como os Estados Unidos, em que a população carcerária é majoritariamente composta por sujeitos latinos e afrodescendentes. A mediadora, a jurista Thenjiwe McHarris, cofundadora da *Blackbird*, instituição comprometida com a justiça social e com o fim do racismo, inicia com uma primeira questão, direcionada à Naomi Klein, “qual é sua avaliação sobre esta crise sem precedentes? O que ela nos diz sobre as falhas do capitalismo atual? Quais são as ameaças das soluções provenientes

---

<sup>2</sup> Os outros títulos são: *A arte da quarentena para principiantes*, de Christian Dunker; *A Cruel Pedagogia do Vírus*, de Boaventura de Sousa Santos; *Crise e Pandemia*, de Alysson Leandro Mascaro; *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*, de Ricardo Antunes; *Reflexões sobre a peste*, de Giorgio Agamben; *(Re)nascer em tempos de pandemia: uma carta à Moana Mayalú*, de Talíria Petrone; *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*, de Slavoj Žižek.

do capitalismo do desastre?” (p. 8). Após as considerações iniciais, que tratou do nosso desejo de criar conexões com outras lutas, Naomi nos lembrou que a pandemia delinea problemas que já existem, como os de moradia e de relações de trabalho precarizado, isso porque existem pessoas que não podem cumprir o isolamento, tanto por não terem casas, quanto por ter que sair para trabalhar. Esse tipo de “capitalismo do desastre”, a crise (como esta da pandemia, que é expressão de uma “guerra contra a natureza”) é parte do modelo, de sacrifício da vida em troca do lucro, das grandes corporações que administram políticas para manutenção do lucro, ou mesmo a diminuição do prejuízo, mas financeiro. Ao lado disso, há também, a pretexto da crise, uma busca pelo afrouxamento de regulamentações ambientais/fiscais; e os ataques à democracia, na Hungria, no Brasil, em Israel e nos Estados Unidos, por políticos autoritários.

A mediadora, então, passa a palavra à Angela Davis, pedindo que ela realizasse sua avaliação do momento atual: “Como você vê que está acontecendo? O que está por vir?” Angela tratou de que busquemos pensar sobre isolamento/solidão.

Uma coisa que gostaria de acrescentar, para aqueles de nós que se sentem muito sozinhos durante o distanciamento social: devemos nos fortalecer, todos podemos nos sentir fortalecidos e energizados pela conexão com pessoas de outros cantos do planeta que neste exato momento passam por situação semelhante (DAVIS; KLEIN, 2020, p. 10-11).

Ela continua, em reflexão sensível às populações de países que apresentaram uma “resposta falha ao coronavírus”; em uma reflexão que se conecta à pergunta posterior direcionada a ela: “Como podemos entender este momento por uma ótica abolicionista? Foram chamadas para a liberdade pessoas que estavam em prisões. O que você acha disso e o que significa ser abolicionista, enquanto movimento, nestes tempos?” Angela aponta a preocupação na atenuação da ação do vírus pelo abrigo das pessoas em suas casas, mas que deveríamos, também, estarmos preocupados com as “pessoas detidas nas penitenciárias, nas instalações específicas para imigrantes” (p. 12), cuja sentença, em meio a essa pandemia, são sentenças de morte, e mais, desencarcerando, para onde grande parte delas iria, já que não possuem casa. O

“modelo de quarentena que incorpora uma lógica que pressupõe que as pessoas tenham casa e dinheiro para a comida e que contem com os meios para se conectar com os outros” (p. 13), e sob a ótica abolicionista, o esforço do desencarceramento (necessário) coloca em pauta o lugar de abrigo, que muitas das pessoas encarceradas possuem, que é a rua. Assim, a crise capitalista alimentada pelo vírus tem reforçado a insustentabilidade biológica do sistema, em face da ausência de uma infraestrutura internacional de saúde pública. Esta, segundo ela, deverá vir pela ação de movimentos populares em questionar a grande indústria, tanto a farmacêutica quanto a de assistência médica com fins lucrativos.

A conversa foi levada ao lugar de pensar quais as possibilidades e necessidades de/para a ação: “Como ter uma ideia do que é possível nesta crise? Acabamos de falar sobre nossa avaliação e o contexto atual, mas o que nos é possível e o que é necessário de nós neste momento?” Naomi Klein diz há que reconhecemos a situação de emergência, mas também o que se faz (se pensa) em nome dessa emergência, como o desejo (que circulou em grandes canais de TV dos Estados Unidos) de que pessoas idosas e enfermas devessem morrer silenciosamente em favor da economia. A mobilização nesse país apenas ocorreu por conta do trânsito do vírus até países (europeus) e a resposta de fechamento da economia para salvar vidas. Para ela, essa nova crise é diferente da de 2008, pois nesta não parece certo que paguemos a conta, como fizemos naquela época para os banqueiros. Entretanto, devemos agir no sentido de exercer o direito de parar, de recusar aos trabalhos precários, e apoiando a manifestação de outros trabalhadores.

Uma questão que se desdobra dessas tantas realizadas é a de como prosseguir nas nossas exigências mais profundas e necessárias, em relação ao que é possível no momento? Naomi destacou Gaza como uma espécie de laboratório para o resto do mundo. Além da questão da impossibilidade de proteção por conta da falta de local para abrigar-se, há o perigo de um isolamento forçado provocado por líderes autoritários, imposto aos locais populares, transformando-os todos em Gaza. E, assim, continua a mediadora: o que é exigido de nós nesse momento? Angela acredita que as pessoas consigam perceber que as coisas não precisavam ser dessa maneira, que a



saúde não devesse ser tratada como mercadoria, que ninguém precisava ser preso apenas porque não há lugar para elas na economia. A atual crise tem revelado a natureza do capitalismo racial, desde ao ataque aos povos asiáticos-americanos, ao fornecimento inadequado de insumos para hospitais que atendem as populações negras, como os kits de teste. Com isso, reconhecemos que devemos organizar contra o racismo estrutural que dirige as instituições. Essa organização, para Angela, diz respeito ao feminismo, que abarca o abolicionismo, o racismo, a falta de moradia, a abolição das prisões. (p. 17).

Devemos levar em consideração também o fato de que muitas pessoas no centro desta crise, na linha de frente, são mulheres. Mulheres de todas as origens raciais e étnicas, mulheres pobres, mulheres trans – especialmente nos países do sul do mundo. Portanto, acho que devemos aproveitar para construir um tipo de organização que aprimore a noção de solidariedade internacional. Isso talvez tenha a capacidade de nos tirar dessa ilusão autocentrada nos EUA e reconhecer que podemos impulsionar lideranças que estão se organizando em outras partes do mundo, trabalhadoras domésticas em todo o mundo que estão perdendo o emprego por causa do isolamento social, daqueles que cuidam de pessoas no setor privado de enfermagem com fins lucrativos, no ramo das casas de repouso, como a que sofreu o surto em Washington (DAVIS; KLEIN, 2020, p. 17).

Além disso, a ideia de abrigo contra a pandemia no lar, ambiente acolhedor e refúgio, diz também respeito à violência de gênero e abuso de crianças, uma vez que, com o isolamento, mulheres e crianças têm sido obrigadas a estar junto de seus agressores.

Outras questões foram feitas, tais como: “Ao que precisamos estar mais atentos ou no que devemos pensar neste momento, enquanto observamos os efeitos do vírus ao redor do mundo?” Cindy Wiesner, entre outras ideias, que as crises nos dão oportunidade para que façamos algo, sob a pena de que, caso não ajamos e enfrentemos, a direita oportunize suas emergências, porque usam as crises para fortalecer seu poder. Maurice Mitchell foi convocado a falar sobre como os subsídios fiscais atendem necessidades das instituições financeiras e não as das pessoas, e a implicação possível da pandemia para a eleição (nos EUA); assim, sobre o poder e as

eleições no momento atual. Ele acredita que seja necessário que integrantes dos movimentos sociais estejam concorrendo a cargos políticos, pela necessidade de construção de um poder eleitoral, para que se possa ter uma representação que não esteja alinhada aos projetos do mercado. Serão necessárias as ações das greves dos trabalhadores em geral, sobretudo das áreas consideradas essenciais, isso porque "Os trabalhadores devem conquistar todos os níveis do poder – e eles simplesmente não possuem nenhuma outra ferramenta à disposição, a não ser as ferramentas eleitorais." (p. 22-23). A Loan Tran foi direcionada a questão sobre xenofobia e racismo antichinês. Ele respondeu que por detrás desse discurso antiasiático há a construção de bases e justificativas que para "para a política social e econômica, que não mata apenas asiáticos, mata todos nós". (p. 24). Para Loan, o racismo e a xenofobia defendidos por Trump e seu governo são sintomas da verdadeira crise que é a do próprio capitalismo; um capitalismo racial, alicerçado pela supremacia branca, a antinegitude e o racismo.

As últimas questões, dirigidas a Naomi e Angela foi insistente sobre o que é exigido de nós neste momento, além de "Que tipo de movimento que precisamos construir? O que nos é exigido neste momento? O que é liderar? Como é o poder?" (p. 26). Naomi pensa em reconstruir a partir dos escombros pensando em uma solidariedade internacional, e como aprender com outras lideranças de outros lugares, integrando suas ações positivas. Em relação à organização digital, e o direito à internet, como utilidade pública, há ainda um monopólio. Isso poderá impactar nas formas digitais de organização dos movimentos sociais que se estruturam dentro das redes das corporações, e, portanto, podem ser controladas e silenciadas. Já Angela diz ser possível criar conversas semelhantes envolvendo outras pessoas, de África, da América do Sul, da Índia. Ela se preocupa com o fato de que aqui, no Brasil, nossa situação esteja pior que a dos Estados Unidos, mas pensa que poderá ser possível encontrar aqui "vozes que almejem sair criativamente desta crise" (p. 28). Devemos nos organizar digitalmente, mas sempre preparando-nos para quando voltamos a nos reencontrar, para realizar manifestações e movimentos, em greves contra as formas de exploração, criando um modo de organizarmos que nos permita um futuro melhor a todos.

Se a construção de movimentos no mundo concreto é necessária para que possamos proteger a vida, neste momento se faz necessário cumprir um isolamento que protege a vida. Este, porém, não significa estar só, porque as conexões, como as realizadas no evento que culminou no livro, são formas de comunicação, de relacionamento, que, apesar da distância, da virtualidade, podem fortalecer vínculos de uma luta necessária: para a manutenção da vida, com garantias de direito a ela estendida a toda as populações da terra.

Em observância dos estudos realizados na Biblioteconomia e Ciência da Informação, vemos que são cada vez mais atuais as discussões sobre a presença e participação das mulheres na produção do conhecimento, sejam em pesquisas com foco na representação, sejam nas que tratam da representatividade nas ciências, o que torna necessária a leitura do livro resenhado, isso tanto por serem compostos por vozes de grandes intelectuais deste nosso tempo, quanto pelo fato de elas serem questionadoras das estruturas política, econômica, social, vinculadas às formas interseccionais de opressão, que são constituintes das diferenças no acesso a outros bens, como os culturais, informacionais, tecnológicos, que são a preocupação direta dos/das profissionais bibliotecários/as, e os seus estudantes de Biblioteconomia, sujeitos em formação.

## REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela; KLEIN, Naomi. **Construindo movimentos**: uma conversa em tempos de pandemia. Tradução de Leonardo Martins. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020. *Ebook*. (Série Pandemia Capital). ISBN 978-85-7559-779-8. Com participação de lideranças do Rising Majority: Thenjiwe McHarris; Cindy Wiesner; Maurice Mitchell e Loan Tran.



**Figura 1:** Capa do livro, de autoria de Flávia Bomfim e Maguma.



**Fonte:** Davis e Klein (2020).